

BRASIL - PORTUGAL – Publicou-se em Lisboa, quinzenalmente, entre 1 de Fevereiro de 1899 e 16 de Agosto de 1914, com a conflagração da primeira Grande Guerra. Totalizou 374 números.

Ao longo dos seus quinze anos de vida, o **corpo directivo** original manteve-se inalterável, sendo constituído por: **Augusto Castilho, Jayme Victor e Lorjó Tavares**. Em 1912, por razão da morte do primeiro, **João de Vasconcelos** substituiu-o e juntou-se ao directório. A figura do **Editor** está também presente, mas conhece vários protagonistas, o primeiro dos quais foi **Luiz António Sanches**. Sucederam-lhe Carlos de Magalhães Burguete (1910), Manuel Pedro da Silva (1911) e Carlos Abreu (1914).

Quanto ao programa editorial, é notório que a publicação conheceu dois momentos distintos que tiveram na implantação da República a sua linha de fronteira: primeiro, como veículo de informação geral e entretenimento, depois como plataforma de oposição.

No momento do seu lançamento, a revista afirmou-se como um produto dirigido às elites, especialmente as da comunidade portuguesa no Brasil e das colónias, que procura conquistar através de textos de temática diversa – história, literatura, arte, etnografia, sociologia, religião, sociedade, etc. –, de boa qualidade e ainda melhor ilustrados. A *Brasil-Portugal* é um autêntico álbum de memórias visuais, o que só por si é garantia do seu potencial interesse enquanto fonte de informação.

No primeiro ano, a **direcção artística** da *Brasil-Portugal* esteve confiada a **Celso Hermínio**, mas no ano seguinte foi anunciado o seu afastamento, justificado por motivos profissionais. Celso Hermínio virá a falecer a 8 Março de 1904, efeméride que será assinalada pela *Brasil-Portugal*, no seu n.º 124. No **campo gráfico**, a revista contou ainda com a colaboração de **Alfredo Cândido, A.C. Lima, Bobone, Arnaldo Fonseca, Camacho, Carlos Abreu, Carlos Pereira Cardoso, Fidanza, J. Benoliel, Joaquim Costa, Loz Marinho, Roque Gameiro**, entre outros.

A actualidade era tratada sob diversos formatos, sendo predominantes as crónicas e as reportagens fotográficas. No centro da sua atenção estavam as relações luso-brasileiras, que alimentavam secções de vida efémera, como: *Relações commerciaes de Portugal*, com a assinatura do conselheiro F. Matoso Santos; *Questões actuaes*, a cargo do dr. Anselmo de Andrade; as *Cartas de Paris*, de Silva Lisboa. Este enfoque na economia, faz da *Brasil-Portugal* uma riquíssima fonte de informação sobre empresários e empresas, bancos e gestores financeiros, associações de classe e instituições. Destaca-se também a secção *Galeria de imprensa*, onde se publica uma série de artigos da redacção sobre jornais e jornalistas dos dois lados do Atlântico.

A actualidade política, quer nacional quer internacional, é matéria comentada, sobretudo pelos directores, na *Cónica Eléctrica* ou na crónica humorística *À varanda do Club*, de Moura Cabral. Mas à medida que a publicação vai conquistando créditos junto do público, novos comentadores, e de peso, vão surgindo – como: **Alfredo Mesquita, Alberto Braga, Câmara Lima, Consiglieri Pedroso, Eduardo Schwalbach, Emygdio Navarro, Gervásio Lobato, Henrique Lopes Mendonça, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Wenceslau de Moraes**.

Além destes, a *Brasil-Portugal* contou com a **colaboração permanente** de Abel Botelho, Adrião de Seixas, Afonso Gayo, Alberto Braga, Alfredo da Cunha, Anselmo de Andrade, Anselmo Vieira, António Arroyo, António de Barros Ramalho Ortigão, António do Valle de Sousa, António Ennes, António José Boavida, Arnaldo Fonseca, Augusto Pina, barão de Marajó, Bello Moraes, Bernardo Pinheiro, Bulhão Pato, Carlos Malheiro Dias, conde da

Esperança, conde de Monsarraz, Crispim, Cunha Belém, Cunha e Costa, Curry Cabral, D. Luiz de Castro, Egas Moniz Barreto de Aragão, Eduardo Vidal, Euclides Dias, F.A. de Matos, Félix Faure, Fernandes Costa, Ferreira Mendes, Fialho d'Almeida, Furtado, Gomes Leal, Guilherme Gama, Henrique Lopes Mendonça, Henrique Vasconcelos, Itibiré da Cunha, Jorge de Menezes, J. Barbosa Colem, J. Nunes de Freitas, João Abreu, João Galhardo, João Grave, João Saraiva, Júlio Brandão, Júlio Nunes de Freitas, L.F. Marrecas Ferreira, Lambertini Pinto, Lino d' Assumpção, Lopes de Mendonça, Luiz Cardozo, Luiz de Moraes Carvalho, Luiz Trigueiros, Macedo Papança, Manoel Dâmaso Antunes, Manoel de Arriaga, Manuel Penteado, Marques Mano, Marrecas Ferreira, Mattoso dos Santos, Maximiliano de Azevedo, Miguel Bombarda, Moura Cabral, Olavo Bilac, Oliveira Freitas Branco, Oraval, Orlando Teixeira, Padre Alvares d'Almeida, Pinto de Carvalho (Tinop), Raul Brandão, Ribeiro de Carvalho, Ruy, Santos Farinha, Sena Freitas, Silva Pinto, Thomaz Ribeiro, Valentim de Magalhães, visconde de Faro Oliveira, Zacharias d'Aça, entre outros.

Pelo seu protagonismo crescente na *Brasil-Portugal* e porque muitas assumem uma defesa desassomburada do feminismo, destacamos a colaboração de **Adelina Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, Ana Maria Ribeiro de Sá, Branca de Carvalho, Constança Telles da Gama, Héloise Cordeiro, Júlia Lopes, Margarida Bodin, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria O'Neill, Sophia da Silva.**

Ainda que os directores e a redacção da *Brasil-Portugal* afirmem a sua independência política com alguma insistência e até redundância (editoriais de abertura de cada ano), a simpatia pelo regime monárquico vai-se revelando no tempo e de modos diversos. As crónicas que têm por objecto os progressos do movimento republicano e aos principais líderes do Partido Republicano Português são temperadas com uma agressividade ou com acidez irónica crescentes.

A implantação da República não parece ter causado qualquer dano na vida da publicação ou dos seus dirigentes. Cumprindo o calendário, a edição de 16 de Outubro sai para a rua sem enveredar por manobras de colagem ao novo regime. É certo que nas páginas, parcas de texto, proliferam fotografias dos membros do governo provisório e do curso da revolução pelas ruas de Lisboa, há até uma reprodução da pauta musical e da letra de «A Portuguesa». Mas no editorial é assumido um tom condicional que só pode ser a tradução de um prognóstico reservado sobre o futuro do país: «se a Republica, que traz sangue novo, ideias novas, traz, como parece, processos honestos, se a Republica conseguir redimir a Pátria, bem vinda seja a Republica.»

Nos anos subsequentes, até ao último número, a *Brasil-Portugal* adoptou uma linha de oposição sistemática aos governos da República.

Através das crónicas de Câmara de Lima, de Jayme Victor e novos colaboradores – como J. Nunes de Freitas e Crispim –, comentavam-se as questões mais polémicas, como a da bandeira nacional, a separação da Igreja do Estado, as leis de imprensa, os actos eleitorais, etc..

Mas o recurso mais interessante é outro: a **fotografia**. Por via da reportagem fotográfica e da foto isolada, complementada com legenda meramente descritiva, a revista fazia eco das greves e outras formas de contestação cívica (comícios, manifestações, etc.), das conspirações monárquicas, do embarque dos exilados e das hordas que emigravam para fugir pobreza, e de tudo o mais que contribuísse para dar uma imagem da instabilidade que corroía a jovem República.

Foi uma estratégia habilidosa de comentar sem palavras, justificada por um suposto clima repressivo, que coibia o jornalista, obrigando-o a «pensar muito a sério no que vai escrever, inventariando cuidadosamente todos os seus pensamentos e pondo de parte aqueles que por qualquer motivo se lhe afigurem como impróprios para figurar em jornais que se destinam a circular em público.» Uma “auto-censura” que, como explicam no nº 355, «acontece normalmente, não por culpa da lei de imprensa publicada logo no tempo do Governo Provisório, (...) mas porque, de vez em quando, as regalias que essa lei concede ao jornalista são postas de parte pela intervenção de quem, por falta de serenidade e competência, não pode averiguar do procedimento daqueles que desapaixonadamente analisam o que se vai passando.»

Chama-se a atenção para o facto de aquelas fotografias se distribuírem pelas páginas da *Brasil-Portugal*, acompanhando textos que lhe são completamente alheios – uma solução gráfica curiosa, mas potencialmente confusa para o leitor em geral. Aos que investigam um assunto específico recomenda-se a leitura do «Índice de Gravuras».

Fica também ainda uma nota sobre o dinamismo da política comercial da *Brasil-Portugal*, com tradução na presença de muitos assinantes (sobretudo nos primeiros anos), na sua política de preços, por diversas vezes reduzidos, na presença de suplementos e no lançamento anual de brindes, entre outras estratégias. A empresa conheceu também mudanças de sede e de tipografia e utilizou técnicas inovadoras de impressão. Cuidados que foram reconhecidos e premiados em certames internacionais, como a Exposição Internacional de S. Luís, Exposição de Paris (1900) e Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1909).

Rita Correia
(29/04/2009)

Bibliografia: *Grande enciclopédia portuguesa brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978; PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Grifo, 1996.